

**SANTAS, PROFANAS E NÃO-HUMANAS: UMA ANÁLISE SOBRE ÚTERO,
OPRESSÃO E HUMANIDADE EM O CONTO DA AIA**

Samanta Bergmam, discente de graduação, Universidade Federal do Pampa,
Campus Bagé

Fabiane Lazzaris, docente, Universidade Federal do Pampa

samantabergmam.aluno@unipampa.edu.br

O universo de Gilead, criado por Margaret Atwood e contido nas obras *O Conto da Aia* e *Os Testamentos*, além de representar um dos principais marcos da literatura distópica, logra ser uma ferramenta de poderosa reflexão sobre semelhanças e singularidades de diferentes recortes sociais e nas múltiplas vertentes feministas. Em um cenário cujo sistema binário de castas representa uma ordem hierárquica muito bem definida, atribui valores e exige performances pautadas na reprodução e na religiosidade, a (sobre)vivência de pessoas com útero dentro desse ambiente consegue espelhar questões presentes da História humana, como a luta por direitos reprodutivos e sobre seu próprio corpo, a valorização da propriedade material e intelectual, a liberdade de expressão e, também, as distintas formas de resistência em condições totalitárias, tecendo um paralelo cada vez mais tênue entre o ficcional e o concreto, oprimido e opressor, individual e coletivo. Ao utilizar as obras citadas e os aportes interseccionais apresentados pela coletânea de artigos em *Pensamento Feminista* e *Pensamento Feminista Hoje* organizado por Heloísa Buarque de Hollanda (2019, 2020), e escritas como *Ao Sul do Corpo* e *História das Mulheres no Brasil* de Mary Del Priore (1995, 2004), *Mulheres, Raça e Classe*, de Angela Davis (2016), e *Um Teto Todo Seu*, de Virginia Woolf (2004) para (re)pensar as interpelações de gênero, raça, classe, sexo e sexualidades, além de refletir sobre como esses aspectos se estabelecem na esfera social (individual e coletivamente), este trabalho se propõe discutir e inter relacionar a forma com a qual pessoas que geram são vistas, tratadas e objetificadas, tanto no regime autoritário de Gilead quanto em contexto real e histórico ponderando, assim, sobre como a realidade e a ficção se compõem mutuamente em suas infinitas possibilidades de narração, principalmente no que tange violências físicas, psicológicas e sexuais como formas de dominação. Para além da simplificação superficial de existir apenas um grupo opressor e um grupo oprimido em extremos opostos, procura-se evidenciar os traços semelhantes e divergentes das castas “femininas” de Gilead, ao analisar a dominação sob a qual estão subjugadas através das castas masculinas, mas também as relações de opressão e apoio que praticam entre si, promovendo reflexões acerca desses comportamentos e representações que perpassam, inevitavelmente, pela problematização dos juízos de valor atribuídos à mulheres por meio da religiosidade (nesse caso, de uma interpretação específica do cristianismo eurocêntrico e ocidental) em que as castas se baseiam a fim de perpetuar suas divisões e desenvolver parâmetros do que seria considerado Santo, Profano e Não-Humano a partir de uma lógica branca, binária, heterossexual e falocêntrica. Portanto, o presente trabalho visou questionar, essencialmente, até que ponto o

cotidiano de certos grupos sociais (em especial de corpos com útero) já é distópico, uma vez que comumente são alvos diretos e primários de práticas misóginas, tendo suas vidas perpassadas por inúmeras violências repetidas vezes, e ainda, refletir sobre os caminhos que levam à opressão de determinados recortes sobre outros (mesmo que tenham entre si pontos em comum), como bem menciona as escritas de Ana Vazquez em *Fascismo e o conto da aia: a misoginia como política de Estado*, Daniele Bordignon em *The Handmaid's Tale e o direito: uma análise interdisciplinar*, Sara York, Megg Oliveira e Bruna Benevides no artigo *Manifestações textuais (in)submissas) travesti*, e Michael Gordin, Hellen Tilley e Gyan Prakash na obra *Utopia/Dystopia: conditions of historical possibility*. Direcionando-se, desse modo, à conclusão de que a organização de Gilead, presente nos dois romances de Margaret Atwood, transcende a ideia comumente atribuída à “ficção” - como algo puramente inventivo e imaginário, sem bases factuais - e demonstra, sobretudo, a representação de eventos e Escrivências (como declara Conceição Evaristo) já existentes em sociedade, pois evidencia a estratégia mais aterradora e mais antiga socialmente, utilizada para dominação e tortura exercidas sobre pessoas com útero: a de restringir não apenas a liberdade desses seres dentro desta teia de violências, mas principalmente, a tentativa constante de desumaniza-los e reduzi-los a algo cuja única finalidade seja a de servir e ser (ab)usado.

Agradecimentos: A presente pesquisa integra o projeto de pesquisa *Laboratório de Investigação em Textualidades Contemporâneas* da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Palavras-chave: Autoritarismo; Feminismos; Interseccionalidade; Literatura distópica.